DAÍ (VEIO) O USO DO DAÍ NA CODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA DA ARTICULAÇÃO DISCURSIVA

Maria Alice TAVARES (UFSC/UFRN)*

1. Introdução

O item daí é bastante freqüente como marca de articulação discursiva¹ em Florianópolis, especialmente na fala de adolescentes (indivíduos de 15 a 21 anos) e pré-adolescentes (indivíduos de 09 a 12 anos) (cf. Tavares, 2003). O fenômeno é perceptível tanto por quem reside no município quanto por quem aí passa. Alguns depoimentos informais colhidos de indivíduos (mais especificamente, lingüistas, bastante atentos ao como falam em seu redor) pertencentes a comunidades de fala de outras cidades (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Rio Grande do Norte) apontam que o grande uso (o abuso mesmo!) do daí em Florianópolis chama a atenção e que não têm observado tão grande recorrência desse articulador discursivo em suas comunidades e muito menos na fala das pessoas mais jovens. Talvez o daí seja uma espécie de marca identitária dos adolescentes e pré-adolescentes florianopolitanos...²

Grande parte dos papéis que o daí desempenha no plano da articulação textual estão vinculados ao (macro)domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora,³ responsável por indicar que uma informação⁴ será introduzida em continuidade e consonância com informações já dadas. Quando um usuário da língua recorre à seqüenciação, coloca em jogo, no discurso, duas estratégias simultâneas: (i) a *retroação*, conduzindo a atenção de seu interlocutor para trás no texto (oral ou escrito), e (ii) a *propulsão*, conduzindo a atenção do interlocutor para a frente, para a continuidade do texto. Ou seja, a seqüenciação indica que o que vem depois no discurso tem a ver com o que vem antes. Vejamos:⁵

*Atualmente, a autora realiza atividades de pesquisa e ensino na UFRN com bolsa DCR/CNPq (aliceflp@hotmail.com).

- (1) Fui com a- a minha- fui com a minha tia, com o meu tio e com a minha prima, né? e eu, né? A gente já fomos várias vezes no carrinho de choque. Daí eu só batia no meu tio- na- na minha tia, né? Daí a minha- a minha prima só ficava gritando, né? que ela já é gritona mesmo, imagina lá no Beto Carrero. Daí aquelas coisinhas lá de cima do carrinho de choque trancou lá, daí eles ganharam uma rodada grátis. (RR/FLP04C:42)⁶

Diferenciei, com base nas amostras consideradas, cinco micro-domínios da seqüenciação: (i) *seqüenciação textual*: uma estratégia coesiva que assinala a ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo; (ii) *seqüenciação temporal*: as informações introduzidas sucedem-se temporalmente em relação às informações já dadas; (iii) *introdução de efeito*: as informações introduzidas representam consequência ou conclusão em relação ao que foi dito previamente; (iv) *retomada*: ocorre um movimento de recuperação do fluxo temático anterior, interrompido por uma digressão; (v) *finalização*: ocorre a sinalização do final do tópico/assunto em andamento até então (cf. exemplos na seção 4).

Nas seções 2 e 3, constam algumas pinceladas teóricas e indicações metodológicas. Na seção 4, fundamentada em evidências diversas, traço as trajetórias de mudança seguidas pelo daí em direção à seqüenciação e seus desenvolvimentos rumo aos vários micro-domínios seqüenciadores, bem como alguns avanços pós-seqüenciação da forma em tela. Finalizo com as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. Referencial teórico

A gramática é emergente, isto é, trata-se de um processo em andamento, sempre rumo a sua constituição, mas nunca chegando a constituir-se de fato. Ela é fruto das tentativas de convergência, no discurso, entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte, com base em suas experiências particulares com a língua e em sua avaliação

do quadro de interação em que estão engajados no momento (Hopper, 1987). A necessidade de ajuste das diferentes experiências leva à negociação de estratégias de construção do discurso à medida que a troca comunicativa avança. Como consequência das adaptações que sempre se fazem necessárias, podem surgir estratégias inovadoras que, se forem freqüentemente repetidas, fixam-se como fórmulas gramaticais.

Na ótica emergente, as fórmulas ou construções gramaticais incluem desde itens individuais, como a conjunção *e*, até construções maiores, como a composta por “verbo *ir*+ verbo no infinitivo” para a indicação de tempo futuro (por exemplo, em *vai cantar*) e mesmo expressões idiomáticas e provérbios. O que define uma fórmula como gramatical é ser uma porção lingüística recorrente, rotinizada, fixa. Tabor & Traugott (1998:255) afirmam que elementos de alta freqüência, sintática e entoacionalmente restritos, devem ser considerados “parte da gramática de uma língua”.

A mudança acontece porque as fórmulas gramaticais rotinizadas não são eternamente estáveis, mas sim negociáveis na interação face-a-face, com base nas experiências anteriores de cada um dos interlocutores com o uso das fórmulas. Como as experiências podem ser distintas em diversos graus,⁷ os indivíduos têm de se esforçar – inferir, metaforizar, reanalisar, analogicizar... – para se fazer entender e para tentar entender. Isso permite que padrões gramaticais existentes, relativamente rotinizados ou fixos, sejam recortados e adaptados, para fins comunicativos, de modo distinto do usual. Esses modos inovadores de recortar a língua para constituir ou reforçar um ponto no discurso, de inicialmente criativos e expressivos, podem se tornar habituais, por aparecerem com freqüência em certo tipo de contexto interacional, assumindo, assim, o status de construções gramaticais.

Gramaticalização é a denominação dada ao processo de rotinização pelo qual fórmulas lingüísticas freqüentemente utilizadas tornam-se habituais, migrando em direção à gramática, ou pelo qual fórmulas já gramaticais vão

umentando sua coleção de funções. Dentre as inovações que surgem cotidianamente no discurso, apenas poucas de fato gramaticalizam. Heine *et alii* (1991a:34; 1991b:151) apontam que os candidatos principais à gramaticalização são, quanto ao significado, aqueles que se referem a universais da experiência humana, representando aspectos concretos, básicos e gerais⁸ para a orientação no meio ambiente. Tais propriedades os tornam ampliáveis para a referência a conceitos menos concretos e facilitam seu emprego como parte de discursivas diversas, sujeitas a entrarem para a gramática. Destacam-se, entre outros, os itens lexicais que designam partes do corpo; verbos dinâmicos; quantificadores; demonstrativos básicos, especialmente os localizadores espaciais.

À generalidade no plano do significado combina-se outro fator que contribui para a eleição de uma construção para uma cadeira na gramática: a sua freqüência – quem aparece bastante possui mais oportunidades de sofrer habitualização. Quanto mais geral o significado de uma palavra ou expressão, maior o número de contextos em que ela pode aparecer, o que acaba levando ao aumento de sua recorrência (em termos de *tokens*) e, assim, crescem suas chances de migrar para a gramática (ampliando-se seus *types* e, por tabela, seus *tokens*). Temos aí, portanto, uma espiral em que o aumento de freqüência leva à mudança e esta resulta em freqüência ainda maior (cf. Bybee, 20**).

A gramaticalização avança sob a ação de mecanismos de mudança cognitivo-comunicativos prontos a serem disparados cada vez que interagimos lingüisticamente. Esses mecanismos atuam durante os movimentos de negociação e adaptação de fórmulas gramaticais entre falantes e ouvintes, alterando os modos de interpretar e recortar as relações entre funções e formas. Os principais mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização são:

- **Metáfora:** Mecanismo pelo qual dois conceitos são metaforicamente iguados, através da similaridade de percepção de sentidos, estendendo-se o termo usado para um deles – o mais concreto e/ou menos complexo – para a referência ao outro – o mais abstrato e/ou mais complexo.
- **Metonímia:** Ocorre uma transferência semântica entre conceitos contíguos – isto é, presentes no mesmo contexto (a presença pode ser dar na forma de uma inferência) –, e o termo empregado em referência a um deles passa a ser empregado também para o outro. Um subtipo é a *inferência por pressão de informatividade*, através da qual, por conta de pressões do contexto de uso, um padrão de inferência que ocorre freqüentemente com um item particular pode ser habitualizado, incorporando-se ao conjunto de significados comumente exibidas pelo item.
- **Reanálise:** Responsável por re-arranjos sintagmáticos, ocasionando a re-interpretação da organização dos elementos componentes das fórmulas lingüísticas, através do estabelecimento de novos “cortes”, isto é, novas relações entre palavras e construções distribuídas na cadeia da fala ou da escrita. Seguidamente, o recorte diferenciado do material lingüístico implica mudança categorial, isto é, a transferência de um âmbito a outro (por exemplo, de verbo a preposição, de preposição a conjunção, de adjetivo a advérbio, etc).
- **Analogia:** Responsável por re-arranjos paradigmáticos, ocasionando a generalização das novas construções gramaticais para contextos lingüísticos diversos.

A atuação desses mecanismos de mudança é compatível: cada passo dado pelas fórmulas gramaticais pode desencadear uma série de modificações: acontecem transferências de um domínio funcional a outro (metáfora); as inferências contextuais tornam-se mais e mais rotinizadas (metonímia); são re-elaborados as relações sintagmáticas entre as porções da língua (reanálise); as fórmulas inovadoras são ampliadas para um número maior de construções da língua (analogia).

A gramática está constantemente sendo criada e perdida ao longo de percursos universais que dão origem à similaridades entre as línguas. Essa universalidade é atribuída à ação dos mecanismos de mudança cognitivo-comunicativos comentados acima, comuns à humanidade como um todo. A gramaticalização não acontece abrupta e repentinamente como se as formas saltassem de um domínio funcional

a outro, mas sim se caracteriza por um desenrolar lento e gradual, envolvendo estágios de alternância do tipo $A > A/B > B$ (cf. Hopper, 1998:154). Sendo assim, é mais apropriado postular percursos de mudanças em forma de aclives ou de cadeias de gramaticalização do que propor estágios discretos de alterações. Aclives ou cadeias de gramaticalização são padrões de relação entre usos precedentes e subseqüentes de um item ou construção lingüística que podem ser mapeados sincrônica ou diacronicamente e organizados ao longo de uma linha imaginária. Em tal linha, tem-se pontos focais necessariamente arbitrários, já que ocorre a segmentação de uma trajetória de mudança contínua em unidades discretas, mas é previsto que, entre quaisquer dois pontos, há usos com traços de um e de outro, isto é, usos indistintos, ambíguos, de difícil categorização.

A gramaticalização pode ser contemplada tanto da perspectiva *diacrônica*, investigando-se as fontes das construções gramaticais e os percursos típicos da mudança que as afeta, via recorte de diferentes períodos de tempo e comparação dos estados de língua encontrados em cada período, quanto da perspectiva *sincrônica*, analisando-se fontes e percursos com base em dados de uma só época. Neste caso, a concepção é a de que existe uma tendência de isomorfismo entre o desenvolvimento histórico e relações sincrônicas entre itens polissêmicos (Tabor e Traugott, 1998:263).

Há ainda a possibilidade de assumir-se a perspectiva *pancrônica*, que envolve tomar não fatias de tempo estanques, mas sim somar evidências provindas de diferentes épocas para compor os elos de uma cadeia de gramaticalização. Dados atuais são capazes de preencher lacunas, por conta do fenômeno de *persistência*: traços semântico-pragmáticos e morfossintáticos de uma forma fonte podem ser conservados pela forma alvo durante bastante tempo (por séculos, inclusive). De acordo com Bybee *et alii* (1994:18), a retenção de especificidades de usos anteriores permite a recuperação da história do material gramatical, revelando não somente informações acerca de suas construções fontes, mas também acerca dos estágios ao longo de

seu percurso de desenvolvimento. Assim, combinando-se os indícios fragmentários referentes a períodos de tempo passados⁹ a achados mais completos referentes aos usos presentes, é possível compor o percurso seguido pelas modificações no decorrer do tempo.

É de uma perspectiva pancrônica que se volta ao mesmo tempo sobre dados do hoje e do ontem, tomando-os complementariamente, que busco indícios acerca de fontes e alvos na trajetória de mudança percorrida pelo daí rumo a papéis ligados à seqüenciação de informações, e lanço um olhar para a ação dos mecanismos de mudança cognitivo-comunicativos nas diferentes etapas dessa trajetória.

3. Procedimentos metodológicos

Na busca de vestígios acerca dos desenvolvimentos do daí ao longo do tempo, considero uma gama de informações:

- *Traços semântico-pragmáticos* comuns a duas ou mais das funções marcadas atualmente ou no passado pelo daí;
- *As relações de abstração* entre tais funções, com base em trajetórias de mudança universais como as propostas por Heine *et alii* (1991a/b);
- Aspectos *sintáticos*, principalmente aqueles referentes às relações manifestadas entre a forma sob enfoque e demais itens lingüísticos circundantes - indícios de alterações nesse plano são indícios da ação da reanálise;
- *Os dados ambíguos* e 'entres' de diversos tipos, passíveis de representarem estágios intermediários de mudança. Como a gramaticalização não acontece abrupta e repentinamente, mas sim gradualmente, a cada etapa uma forma pode diferir minimamente em função. Conseqüentemente, as alterações são de natureza incremental, deixando usos ambíguos como indícios que auxiliam a recuperar a trajetória de irradiação funcional da forma.

Analiso dados de fala do final do século XX, extraídos de 48 entrevistas com informantes florianopolitanos, obtidas junto ao Banco de Dados VARSUL/UFSC (Variação Lingüística Urbana da Região Sul).¹⁰ Também faço uso de dados extraídos de 40 textos escritos em língua portuguesa do século XIII ao século XX.¹¹

4. Gramaticalização rumo à seqüenciação

4.1 Nos domínios da dêixis e da anáfora

É encargo árduo definir quando o *daí* conquistou uma vaga no território da seqüenciação, pois não há vestígios de seu uso nessa função em épocas anteriores ao século XX. Acredito que tenha se tornado um articulador discursivo apenas em português brasileiro, uma vez que não aparece exibindo a seqüenciação mesmo em romances da primeira metade do século XX. Apesar da grande extensão dos *corpora* considerados, encontrei poucos dados do *daí* em períodos de tempo diferentes do atual.

Daí é uma construção composta pela contração da preposição *de* com o dêitico locativo *aí*. Segundo Cunha (1991), a forma apareceu (também em suas variações *dy*, *di*, *dj*) somente a partir do século XIV. Como suas funções mais remotas envolvem papéis voltados à indicação locativa, podemos ter por hipótese que o *daí* debutou na seqüenciação retroativo-propulsora seguindo um percurso universal tipicamente envolvido na emergência de conectores: *espaço* > (*tempo*) > *texto* (Heine *et alii*, 1991a). Esse aclave de mudança sintetiza o percurso segundo o qual elementos *indicadores de espaço externo* passam a ser utilizados como *indicadores temporais* e, por fim, como conectores, sendo possível um percurso da indicação de espaço externo diretamente para a articulação entre partes do discurso. É previsto *aí* um movimento rumo a níveis cada vez mais gramaticais, atribuído aos mecanismos cognitivo-comunicativos universais pelos quais os usuários da língua tendem a guiar em uma mesma direção – rumo à abstração, à generalização – os novos usos que dão às velhas formas. A transferência de uma forma de um domínio a outro não é automática, sendo previstos estágios em que o *status* da tarefa desempenhada pela forma é indefinido, por conta da sobreposição entre a função antiga e a função inovadora, ocasionando situações de ambigüidade do tipo *A/B: espaço/ tempo, espaço/ articulação textual*, etc.

Vamos então ao trajeto que deve ter sido seguido pelo daí. Começo, em (2), pelo dêitico locativo, uso em que o daí apresenta os traços de função-significação mais concretos, mais voltados para o mundo circundante, por apontar para um local exterior ao discurso, relacionando a ele o enunciado. Para Grenoble & Riley (1996), os dêiticos são palavras ou expressões usadas para *apontar, no contexto extra-lingüístico*, um indivíduo, objeto ou lugar, e introduzi-lo no discurso, relacionando o enunciado a suas coordenadas pessoais, espaciais e temporais. Trata-se de itens cujo uso e interpretação baseia-se crucialmente no conhecimento do contexto particular em que são produzidos. Laury (1997:29) afirma que os dêiticos têm conexão real com o que significam, pois, como se fossem dedos, apontam para algo presente no contexto interacional no momento mesmo da interação. Por essa razão, seu uso é freqüentemente acompanhado por um gesto indicativo. Como dêitico locativo, o daí indica *movimento para longe* do espaço em que o ouvinte está ou para longe de um lugar próximo ao ouvinte. Leva a cabo, portanto, uma indicação de natureza direcional, de caráter ablativo (algo ou alguém vem do exterior de um lugar) ou elativo (algo ou alguém vem do interior de um lugar), o que pode ser atribuído ao papel da preposição *de* na construção daí – algo ou alguém vem *de* algum lugar (Castilho, 1997:48; Costa, 1999:229).

- (2) – Tu vai ver – disse. – Fica aí até chegar o carro e tu vai ver. Talvez seja o Willy Feeley e o Willy agora é ajudante do “sheriff”. É autoridade. Que é que tu ‘tá fazendo aqui? Aqui é proibido – vai dizer o Willy. Bem, tu sabe, o Willy foi sempre um sujeito metido a besta. Tu diz: que é que tu tem com isso? Aí o Willy fica danado e diz: Tu sai daí, ou senão eu te levo comigo. (*As Vinhas da Ira*, p. 60)
- (3) – Eles foram, mesmo, ou então a mãe morreu. – Falou, e apontou para a porta do cercado. – Se minha mãe estivesse aqui, *essa porta* estaria fechada e com cadeado. Minha mãe sempre fechava *essa porta* com cadeado, desde que o porco fugiu daí e correu até a casa dos Jacobs. (*As Vinhas da Ira*, p. 43)

- (4) É igual a um vôlei mesmo, a gente saca, daí tem que levantar. Se sacar fo- assim *dentro de um lugar aí*, sai daí, (hes) sacar dentro da área, sai. (RR/FLP04C:13)

Em (2), o daí aponta para o lugar em que o ouvinte está e do qual este recebeu ordens de se deslocar. Em (3), temos uma situação *A/Bem* que o local indicado está próximo de um dos personagens e também foi referido previamente (nos trechos sublinhados), e daí pode ser entendido como dêitico, apontando para o mundo exterior, ou como anafórico, apontando para o discurso anterior. A partir deste tipo de contexto em que ambas as leituras são possíveis, daí pode ter rumado para usos unicamente anafóricos, como o exemplificado em (4), em que a forma patrocina a recuperação de uma referência locativa antecedente específica.

A anáfora pode ser definida como um apontamento para trás, lançando o foco das atenções sobre um ponto anterior específico do discurso do falante ou de seu interlocutor – seja lugar, seja tempo, seja outra informação qualquer –, como se fosse um gesto verbal apontando para algo dito previamente. Quando o subtipo de anáfora que ora nos interessa, a locativa, é utilizada, acontece um movimento de recuperação de uma *referência locativa antecedente específica*. Como anafórico, daí mantém seu papel ligado à indicação espacial ablativa ou elativa, mas as relações estabelecidas são re-analisadas: sai a indicação voltada para o âmbito externo do discurso, e entra a indicação voltada para o âmbito interno, surgindo uma relação de co-referência entre o daí e a forma ou construção que primeiro referiu o espaço em causa. Isso acontece nos seguintes termos: daí aponta para um elemento do discurso prévio, constituindo com ele um vínculo de co-referência, pois esse elemento faz referência a um lugar e o daí adota para si o mesmo referente.

Essas alterações revelam a ação do aclave *déixis* > *anáfora*, um tipo de extensão funcional corriqueira em muitas línguas (Heine *et alii* 1991a; Fillmore, 1982), e que implica a migração do apontamento ao espaço circundante para a organização interna do discurso. Os contextos

caracterizados por indeterminação quanto à natureza do apontamento feito pelo daí – se dêitico ou anafórico (cf. (3)) – representam excelentes pontos de partida para que o item estenda seus tentáculos de um domínio a outro.

A *metáfora* está envolvida em tais desdobramentos funcionais. O apontamento para um espaço presente no contexto em que a conversa ocorre pode ser considerado de natureza concreta em razão do vínculo estabelecido entre o discurso e o mundo exterior a ele. Tal apontamento é tomado como similar àquele que se dirige para um espaço anteriormente mencionado, mais abstrato por envolver relações internas ao discurso. Essas similaridades permitem que o daí salte do domínio dêitico ao anafórico, realizando aí, à semelhança de seus encargos no plano da dêixis, mapeamentos espaciais, mas, agora, sobre dimensões textuais. Ocorre, empregando os termos de Frajzyngier (1991), uma transferência de um domínio *de re* a um domínio *de dicto*, passando a organização espacial do mundo concreto (da experiência sensório-motora, dos objetos visíveis e tangíveis) a ser utilizada para organizar o universo mais complexo do texto, das organizações e relações interiores ao dizer. Como é típico no processo de transição de um domínio a outro, há estágios de ambigüidades (por exemplo, em (8)).

Não é possível desprezar-se, porém, a hipótese de que pequenas *transferências metonímicas* estejam subjacentes às modificações mais amplas de natureza metafórica. Pressões *on-line* para a absorção de inferências que se manifestam em contextos particulares de uso do daí (situações do tipo *A/B*) podem ser o ponto de partida para a extensão funcional da unidade sob análise em seus diferentes estágios de mudança. Como afirmam Heine *et alii* (1991b:165-166), *metáfora* e *metonímia* coexistem como “parte e parcela” no processo de gramaticalização.

Essas alterações também implicam *reanálise*. Como dêitico, daí vincula-se ao mundo externo e, como anafórico, vincula-se a um ponto do discurso já mencionado, dando origem a uma relação de co-referência não existente quando do apontamento dêitico locativo, isto é, as relações

entre as formas lingüísticas envolvidas são recortadas e interpretadas de modo distinto.

Não mapeei nenhum daí atuando no ramo temporal.¹² A hipótese poderia ser, então, que a forma tenha migrado diretamente de seus usos como anafórico locativo para papéis na organização textual, pegando um atalho na trajetória *espaço* > (*tempo*) > *texto*, em um movimento já previsto por Heine *et alii* (1991a:182). Contudo, o único caso de daí anafórico locativo disponível nos *corpora* é o dado (4), o que significa que elos do tipo *A/B*, passíveis de ilustrar de modo mais refinado como teriam ocorrido as alterações implicadas pela trajetória *anáfora locativa* > *conexão discursiva*, não foram encontrados.

É possível, entretanto, que o daí tenha dado as boas vindas às suas novas funções no domínio da seqüenciação não através da anáfora locativa, mas sim via um uso híbrido entre anáfora discursiva e seqüenciação retroativo-propulsora, em que a forma, ao apontar não para um lugar mas para uma informação prévia, acaba exibindo uma das nuances vinculadas à seqüenciação de informações: a de introdução de efeito (conseqüência ou conclusão). Encontrado em textos do início do século, tal uso é freqüente ainda hoje, aparecendo inclusive na fala de Florianópolis:

(5) I: Agora, A., *o fechamento sempre existiu*. Porque eu digo pelo casamento (inint) tanto a N.

F: A irmã do meu avô.

I: A irmã do teu avô. Tanto a N. como a mamãe, que era a irmã, *elas foram mais marcadas*.

F: Ah, isso foi, é. *Discriminação*.

I: Aceitação- *aceitação da família*. Mamãe sempre dizia: "Vocês casem (inint)."

F: É daí- daí também esse entroncamento que houve, né? na família. Daí *veio* isso. Eles não procuravam pessoas assim estranhas, porque as que tinham procurado tinham levado na cabeça. Então eles procuravam se entrelaçar, né? dentro do próprio tronco. (AL/FLP22:769)

- (6) *Há uma outra face do Marechal Floriano que muito explica os seus movimentos, atos e gestos. Era o seu amor à família, um amor entranhado, alguma cousa de patriarcal, de antigo que já se vai esvaindo com a marcha da civilização./ Em virtude dos insucessos na exploração agrícola de duas das suas propriedades, a sua situação particular era precária, e não queria morrer sem deixar à família as suas propriedades agrícolas desoneradas do peso das dívidas./ Honesto e probo como era, a única esperança que lhe restava, repousava nas economias sobre os seus ordenados. Daí lhe veio essa dubiedade, esse jogo com pau de dous bicos, jogo indispensável para conservar os rendosos lugares que teve e o fez atarraxar-se tenazmente à presidência da República. (Triste Fim de Policarpo Quaresma, p. 115)*

Nesse uso híbrido entre anáfora discursiva e introdução de efeito, temos uma construção composta pelo *daí* e pelo verbo *vir*, o qual pode estar elíptico. Em (5), *daí* e *daí veio* apontam para diversas informações dadas anteriormente, relativas à discriminação sofrida pelos membros da família que se casavam com pessoas de fora. Tais informações são convertidas na causa das informações introduzidas pelas construções híbridas: *daí também esse entroncamento que houve, né? na família. Daí veio isso*. Ou seja, como havia fortes restrições ao casamento com estranhos, ocorreu um 'entroncamento' na família, pois a maioria passou a optar por casar com parentes. Em (6), a causa apontada pelo *daí veio* – o amor à família e insucessos nos negócios – tem como consequência atitudes dúbias visando à preservação do cargo de presidente da República.

A construção “anafórica discursiva introdutora de efeito” tem sua origem nos usos locativos do *daí* em que ele aponta para um espaço previamente referido. À semelhança de sua fonte, a construção *daí (vem)* aponta também para algo previamente referido, mas não um lugar e sim uma ou mais informações e, ao mesmo tempo, direciona o discurso rumo à sua continuidade, ao permitir a inferência de que a informação introduzida por si decorre das informações prévias para as quais aponta.

No processo de migração funcional, ocorre uma *transferência metafórica* do domínio da indicação anafórica espacial para o domínio da indicação anafórica discursiva, responsável pelo apontamento para informações quaisquer previamente dadas, não especificamente locativas ou temporais. Daí deixa de apontar para locais de onde vem algo ou alguém e passa a apontar para causas de onde vêm conseqüências. Como tipicamente ocorre quando a metáfora está em jogo, um conceito mais complexo torna-se mais facilmente compreendido apelando-se para formas costumeiramente vinculadas a conceitos mais concretos: o uso do daí permite apresentar causas como lugares de onde vêm conseqüências, fornecendo às primeiras um traço de concretude. Daí continua manifestando indicação direcional ablativa/elativa – ou seja, o *de* está ainda na ativa: a conseqüência vem *de* algum 'lugar' (a sua causa). A *reanálise* certamente pôs as manguinhas de fora: a construção daí + *vir* foi recortada do contínuo do discurso como construção gramatical à parte.

4.2 Tomando assento na seqüenciação

Ao ser utilizado como sinalizador de movimento anafórico discursivo capaz de deixar vir à tona nuanças de conseqüência ou conclusão, daí consegue abrir as portas da seqüenciação, penetrando nesta através da introdução de efeito. Em certas situações *A/B*, o interlocutor é posto em dúvida acerca da presença do traço de apontamento direcional, o que impulsiona a transmutação funcional do daí. Em (7), por exemplo, daí pode estar apontando para a informação *a mulher não tem, nem pai nem mãe, não tem autoridade sobre os filhos* como o lugar de onde advém a conseqüência *Daí vai se formando essa geraçãozinha cada vez mais-mais (hes) perversa, né?* Neste caso, o traço direcional ablativo/elativo é percebido (e está em jogo a construção daí + *ir/vir* = daí *vai se formando...*) e temos o uso híbrido do daí (anáfora locativa/seqüenciação). Todavia, a forma pode ser entendida como exibindo unicamente seqüenciação introdutora de efeito, caso em que outros seqüenciadores do mesmo tipo, como *e*, *aí* e *então*, também seriam possíveis.

- (7) *A-a mulher não tem, nem pai nem mãe, não tem autoridade sobre os filhos. Daí vai se formando essa geraçãozinha cada vez mais-mais (hes) perversa, né? perversa, perversidade. (AL/FLP22:118)*

Temos aqui mais uma atuação da *reanálise*, recortando de modos distintos as relações entre o daí e outros elementos lingüísticos a cada etapa de mudança: o deslocamento para o reino da articulação discursiva libera o daí da relação de co-referência com um item específico do universo discursivo anterior, e a forma passa a apontar para frente (propulsão) e para trás (retroação) de modo mais amplo, assumindo o encargo de conector seqüenciador. Daí é re-interpretado de modo que o *de* deixa de ter papel significativo como indicador direcional, sendo absorvido como parte indissociável de uma só unidade. Ao se ver livre do apontamento ablativo/elativo, daí torna-se um seqüenciador introdutor de efeito e a existência de uma preposição na construção deixa de ser percebida por seus usuários:

- (8) *Quando ela está fazendo alguma coisa e a gente está brincando ela se irrita com o barulho, daí ela dá tapa em nós, daí ela apanha também do pai, não vai deixar a gente apanhar de graça. (AO/FLP11C:06)*
- (9) *Dada a facilidade de se encontrar outra, ou ela encontrar outro, é tão grande que num piscar de olhos as (hes) coisas se invertem. Daí a família fica em segundo plano. (MA/FLP14:454)*

Tendo chegado na seqüenciação no papel de introdutor de efeito, daí estende-se às demais subfunções seqüenciadoras, em percursos como *introdução de efeito > seqüenciação textual e seqüenciação temporal > retomada e finalização*. É difícil especificar se daí migrou da introdução de efeito à seqüenciação textual e à seqüenciação temporal, ou da introdução de efeito à seqüenciação textual e desta à seqüenciação temporal, ou qualquer outra combinação possível, uma vez que não há indícios para a estipulação de

percursos mais detalhados. O fato é que, dada sua repetição constante em contextos de indicação de conseqüência/conclusão, daí acaba escalado para cobrir as demais funções pertinentes ao domínio da seqüenciação, através da incorporação de traços de significado presentes em contextos particulares.

Como seqüenciador temporal, daí coloca em evidência a ordenação temporal cronológica dos eventos narrados, indicando que o evento seguinte ocorre depois que o anterior se conclui:

- (10) A sereia Ariel foi lá em cima pra ver o que que era aquelas coisas lá... luminosas, que eram os fogos de artificios, Daí ela-daí ela viu o homem que estava no- no barco, né? daí ela se apaixonou por ele, daí ela foi na casa da bruxa do mar e pediu pra transformar ela em humana, com as pernas, daí ela foi pra terra, mas ela ficou assim sem voz. (JL/FLP09C:05)
- (11) Faz a massa, espera esfriar. Daí faz uma bolinha, depois recheia com catupiri, fecha, deixa crescer. (LE/FLP05J:1013)

A seqüenciação textual é responsável por destacar a relação de sucessão discursiva existente entre informações anteriores e posteriores, deixando transparecer que a informação que introduz tem a ver com as demais, por fazerem parte de um mesmo assunto.

- (12) Só que tem que tomar cuidado por causa que ela é um gato de carne, né? daí quando vai pra rua os cachorros querem comer ela, né? daí a minha mãe tem um cachorro, e ele avança nesse gato, nessa gata, quando o gato fica- vai pra casa os cachorros só ficam olhando, né? (KA/FLP08C:127)
- (13) Ah, eu acho que aqui tem muita gente olha: que joga coisa no chão, né? que inclusive até ontem passou no jornal- no jornal do almoço (hes) que muita gente, né? eles- o- a preferência das pessoas é jogar no chão, né? Daí mostrou assim a lixeira, do lado assim, a lixeira e do lado um monte de lata, papel, tudo jogado no chão, e a lixeira ali do lado. (DE/FLP06J:714)

A retomada e a finalização devem ter sido introduzidas no rol de subfunções marcadas pelo daí através da utilização do item em contextos de seqüenciação textual, já que partilham com esta a propriedade de indicação da cronologia discursiva, despida de noções outras, como tempo ou efeito. Na verdade, a retomada e a finalização são empregos da seqüenciação textual que foram rotinizados como fórmulas mais específicas. A retomada traz de volta a informação interrompida, de forma literal ou com a alteração de algumas palavras (cf. (14)). A finalização é levada a cabo por uma oração que aparece no final do tópico ou do subtópico, sempre portando itens anafóricos como *assim*, *isso*, *esse*, *essa* (cf. (15)). Essas construções representam estratégias discursivas que, por terem sido seguidamente repetidas, cristalizaram-se e disseminaram-se para a fala de diversos indivíduos. Na fala florianopolitana de hoje, mostram-se salientes e freqüentes o suficiente para serem consideradas subfunções da seqüenciação à parte da seqüenciação textual.

- (14) E: Aquele anjinho do Gugu que tem ali, como é que tu ganhou? Tu sabe contar?
 F: Sei, foi do meu pai, do dia das crianças. Ele- eu estava- eu estava aqui, né? Daí *ele me deu o anjinho do Gugu*, me deu mais uma caixa de bombom e mais Bis, me deu tanta coisa. Me deu uma agenda, uma agenda. í Ganhei da mãe bastante coisa, da minha tia. ý Daí *ele me deu*, daí eu já- eu já estava brincando com ele. (hes) Que eu já- que eu queria- que eu queria também ganhar um anjinho, né? do Gugu. (FR/FLP02C:52)
- (15) Porque é assim: eu estou na TV, daí a minha irmã vai lá e começa a mudar de canal, encher o saco, daí eu- daí eu começo a gritar e daí ela começa a me bater, daí a gente briga. Daí vai lá e a minha mãe chama: “Pára de brigar, M.” “Mas mãe, não estou fazendo nada, é a minha irmã, não sei o que”. Daí é *isso* que a gente briga. (MR/FLP10C:03-04)

Diferentemente da passagem do daí de anafórico para conector, sua migração para as várias subfunções seqüenciadoras não acarreta mudança de categoria, pois não ocorre transferência de um tipo gramatical para outro, e sim uma extensão funcional no âmbito da própria seqüenciação, dispensando a ação da reanálise. Uma vez que daí teve seu leque de funções ampliadas, generalizando-se para diferentes nuances seqüenciadoras, provavelmente a *analogia* entrou em atividade. Entretanto, o mecanismo de maior destaque na trajetória ao longo da qual daí torna-se um meio de expressão das diferentes tessituras seqüenciadoras parece ser a *metonímia*, ou, mais especificamente, seu subtipo *inferência por pressão de informatividade*. Nuanças de seqüenciação textual e temporal, presentes como inferências em alguns contextos de uso do daí como introdutor de efeito, acabaram incorporando-se ao conjunto de subfunções típicas da forma.

A odisséia do daí não acaba na seqüenciação. Para um certo falante uma informação é causa suficiente para definir a seguinte como consequência e uma certa ordenação indica sucessão temporal, mas para seu interlocutor as relações estabelecidas podem ter natureza diversa, o que representa um gatilho não só para as situações de sobreposição e ambigüidade, mas também para que novas possibilidades de uso emergjam. Assim é que, a partir de seus usos seqüenciadores, o daí passa a exibir outras funções. Ele é encontrado, por exemplo, como conector adversativo, exibindo um contraste, uma antítese entre as informações conectadas:

- (16) Meu pai não é nem um pouco católico, entendeu? Quer dizer, ele era, mas não era praticante de todo dia, né? essa história toda. Aí eu não- não- não ia. Daí, de um tempo pra cá, eu comecei a me interessar, né? conhecer a palavra, em ir pra igreja e conhecer a Jesus, o Cristo. (EV/FLP08J:933)

Provavelmente daí é transferido para a adversão por pressão de contextos *A/B* em que inferências adversativas estão presentes junto a

uma ou mais das nuances da seqüenciação, o que acaba ocasionando a ampliação funcional das formas, as quais passam a ser relacionadas a contextos em que aparecem os traços de contraste e antítese entre informações.

Outro caso de tarefa adquirida pós-seqüenciação é o emprego do *daí* como preenchedor de pausa. Nessa função, ele atua no âmbito do processamento da fala e da manutenção de turnos, como sinal de hesitação por parte do falante para evitar o silêncio enquanto um novo trecho de fala é estruturado. Sua pronúncia costuma ser alongada. O uso de itens conectivos exibindo hesitação é bastante comum. Marcuschi (1999:173), em um estudo sobre o fenômeno, aponta que, no *corpus* que analisou, o número de hesitações constituídas por conjunções representa 30% do total de ocorrências, sendo as conjunções mais freqüentes nesse papel *e* e *que*, seguindo-se *mas*, *ou*, *como*, *daí*, *já*, *então*, *se*. De acordo com o autor, as palavras funcionais, tais como conjunções e preposições, "(...) são as formas lingüísticas mais freqüentes como material lingüístico para constituir as hesitações", as quais representam os sintomas de um processamento em curso. Um exemplo:

- (17) (...) aí nós fomos lá, lá no reitor, Daí- Aí ele passou já o cheque (inint), aí fui no banco. (AN/FLP05:420)

Também é possível apontar como função que pode vir a ser adquirida pelo *daí*, a partir de seus usos como seqüenciador, a explicação, geralmente desempenhada pelo *porque*. Por exemplo, em (18), temos favorecida a leitura de introdução de efeito, mas o contexto também deixa transparecer uma leitura explicativa suave, como se a informação subsequente estivesse fornecendo uma razão, uma justificativa para a informação precedente. A repetição em contextos desse tipo poderia levar o *daí* a ser mais e mais relacionado à explicação, habitualizando-se como uma de suas formas de expressão.

- (18) Porque se a gente não estudar, a gente não vai ser nada na vida, né? [vai ser]- a gente vai sofrer, cair pelas ruas, não tem nada pra fazer. Eu acho importante estudar, daí a gente pode trabalhar, daí pode fazer um monte de coisa, dançar. (RA/FLP12C:19)

5. Considerações finais

Em síntese, daí parece emergir como seqüenciador em uma trajetória com as seguintes etapas principais: *déixis locativa* (apontamento para o mundo) > *anáfora locativa* (apontamento para um lugar mencionado anteriormente, criando-se uma relação de co-referência) > *anáfora discursiva/introdução de efeito* (apontamento para uma informação antes referida, apresentada como causa da informação nova que se segue ao daí) > *seqüenciação* (apontamento para a informação prévia e para a informação subsequente, criando-se um laço coesivo que dispara, no interlocutor, a busca por inter-relações). Cada uma dessas etapas de mudança é caracterizada pelo surgimento de uma inovação vinda de usos anteriores do daí, inovação que foi aceita, rotinizada e conservada pelos usuários da língua, ocorrendo e re-correndo na fala e/ou escrita de um e de outro.

Quanto aos estágios de mudança do daí posteriores à sua entrada na seqüenciação, temos situações de duas espécies: (i) usos mais enraizados, como os do plano da adversão e do plano do preenchimento de pausa, em que o item recorre na fala de vários indivíduos – um indicio de rotinização efetivada ou em curso; (ii) usos portando nuances inovadoras apenas suspeitas de representarem fórmulas gramaticais em seu momento de gestação, como acontece com o daí explicativo, que é pouco freqüente e aparece na fala de apenas dois dos informantes dentre os aqui considerados. Se a explicação será incorporada ao conjunto de funções desempenhadas pelo daí, só o tempo dirá...

Referências Bibliográficas

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. Extraído da Internet a 18/07/2001, no site <http://www.unm.edu/~jbybee/mechofchng.htm>.

PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CASTILHO, A. T. A gramaticalização. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*, V. 19, p. 25-64. 1997.

COSTA, S. B. B. Advérbios e locuções adverbiais no limiar do português moderno. In: SOARES, M. A.; ARAGÃO, M. S. S. de (Org.). *XVI Jornada de Estudos Lingüísticos. Anais. Vol. 1*. Fortaleza: UFC/GELNE, 1999. p. 227-232.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2^o ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

FILLMORE, C. J. Toward a descriptive framework for spatial deixis. In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (Ed.). *Speech, Place and Action: Studies in Deixis and Related Topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 31-59.

FRAJZYNGIER, Z. The *de dicto* domain in the language. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization. Vol.1: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam: J. Benjamins, 1991. p. 219-252.

GIVÓN, T. *Syntax: a Functional-Typological Introduction. Vol. 1*. Amsterdam: J. Benjamins, 1984.

_____. *Syntax. Vol. 1.* Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GRENOBLE, L.; RILEY, M. The role of deictics in discourse coherence: French *voici/voilà* and Russian *voť/von*. *Journal of Pragmatics*, v. 25, p. 819-838. 1996.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991a.

_____. From cognition to grammar: Evidence from African languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization. Vol. 1: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam: J. Benjamins, 1991b. p. 149-188.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *BLS*, v. 13, p. 139-157. 1987.

_____. The paradigm at the end of the universe. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (Ed.). *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1998. p. 147-158.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LAURY, R. *Demonstratives in Interaction - The emergence of a Definite Article in Finnish*. Amsterdam: J. Benjamins, 1997.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. de O. (Org.). *Gramática do Português Falado. Vol. VII: Novos Estudos*. Campinas: UNICAMP, 1999. p. 159-194.

TABOR, W.; TRAUGOTT, E. C. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (Ed.). *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1998. p. 229-272.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina.

Notas

¹ *Discurso* (e variações como *discursivo*) e *texto* (e variações como *textual*) são aqui tomados como sinônimos, em referência à língua em uso, onde a gramática existe, emerge e muda. Por *articulação discursiva* (ou *textual*) entendo a interligação coesiva entre nacos maiores e menores da cadeia continua da fala e da escrita.

² Somente um estudo de grandes proporções pode ser esclarecedor a esse respeito: faz-se necessário averiguar a utilização do *daí* em diversas comunidades de fala do Brasil para que sejam obtidas evidências consistentes de que a super generalização desse articulador discursivo na fala dos jovens florianopolitanos é um fenômeno regional. De qualquer forma, a grande freqüência do *daí* em Florianópolis tem incomodado. Por considerar muito interessante a indignação que claramente transparece no depoimento informal dado por uma colega do CPGLg/UFSC, vinda do Rio de Janeiro, transcrevo-o aqui: “As crianças de Florianópolis usam muito *daí*. Lá no Rio de Janeiro é mais o *aí*. O meu filho pegou, só está usando *daí*. Eu digo para ele usar *então* no lugar. É por causa da escrita, que a fala influi e ele vai acabar usando só *daí*. Eu digo para ele: *Então. Então.*” (M, 2001/2) Seria o *daí* uma terrível praga florianopolitana, pronta a atacar criancinhas indefesas vindas de outras cidades? Um bom tema para pesquisas...

³ Emprego *domínio funcional* em conformidade com Givón (1982, 2001), em referência a áreas funcionais gerais (ou macro-domínios) como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), ou a áreas mais estritas (micro-domínios), como o tempo futuro. O domínio da seqüenciação configura-se num escopo funcional gradiente, podendo ser visto como um dos elos de um fenômeno superordenado: *articulação discursiva/textual* (conjunção geral entre informações, da justaposição à subordinação) > *seqüenciação retroativo-propulsora* (um tipo específico da conjunção geral; outros são: adversão, concessão, causalidade, finalidade, etc) > *subfunções da seqüenciação* (subtipos da seqüenciação, descritos na seção 1). O recorte para fins de estudo poderia se dar, em princípio, em qualquer um dos níveis dessa hierarquia funcional.

⁴ Por *informação* compreendo o que é dito/escrito, sejam fatos/eventos ou argumentos/ idéias.

⁵ A relação coesiva de seqüenciação é codificada com freqüência, na fala de Florianópolis, também pelos articuladores discursivos *e, aí e então*, que, a exemplo do *daí*, interligam

desde informações conectadas localmente em orações, a tópicos/assuntos conectados globalmente (cf. Tavares, 2003). Tais articuladores discursivos/textuais podem também ser referidos como *conectores, conectivos, conjunções, seqüenciadores*

⁶ O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo, (RR/FLP04C:42) = informante RR, natural de Florianópolis (FLP), entrevista número 04, página 42. Nos casos em que há uma letra após o número da entrevista, podemos ter ou J = informante de 15 a 21 anos ou C = informante de 09 a 12 anos. Nos códigos referentes a entrevistas com informantes de 09 a 12 anos, o número final remete à página em que consta o dado. Nas demais entrevistas, tal número refere-se a linha em que aparece o dado. Em alguns dos exemplos apresentados neste texto, *E* é o código que marca a fala do entrevistador, *F* a fala do informante e *I* identifica um indivíduo interveniente.

⁷ Quanto mais integrados numa mesma comunidade de fala estão os falantes, mais próximos tendem a ser os usos que dão aos itens lingüísticos, pois os partilham recorrentemente quando se comunicam. A gramática é, portanto, de natureza bastante local.

⁸ Por exemplo, tendem a ser gramaticalizados não verbos de movimento mais específico como *caminhar* ou *nadar*, mas verbos de movimento mais geral como *ir* e *vir* (cf. Heine *et alii*, 1991a:35).

⁹ Conferir em Labov (1994), uma síntese acerca das dificuldades comumente encontradas quando se investiga textos antigos.

¹⁰ Os entrevistados distinguem-se quanto aos traços sociais *gênero, idade* (09 a 12 anos, 15 a 21 anos, 25 a 45 anos, mais de 50 anos) e *nível de escolarização* (primário, ginásio e colegial).

¹¹ Averigüei 40 textos de vários autores e gêneros (a relação completa pode ser conferida em Tavares, 2003).

¹² Os únicos casos ligados a tempo que encontrei foram expressões anafóricas cristalizadas como *daí em diante*, que parecem não participar dos desenvolvimentos do *daí* rumo à articulação textual, já que ele, em seus usos seqüenciadores, não é complementado por expressões como *em diante*.